

O Dia em que a Gestapo Chegou à Bergasse 19

Ensaio

Laura Ward da Rosa

Médica psicanalista. Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Docente do Instituto de Psicanálise da SBPdePA. Docente do Curso de Pós-Graduação "Psicanálise e Educação" da UniRitter e SBPdePA.

Aquele foi, certamente, o dia mais dramático e angustiante para Freud. Acostumado às turbulências despertadas por suas descobertas, ao trabalho clínico incessante e aos graves problemas de saúde, nada se poderia comparar ao que vivia naquela tarde de 22 de março de 1938, quando a Gestapo chegou à sua casa e levou Anna para depor no comando nazista, que tomara Viena, anexando a Áustria ao domínio de Hitler. Anna era muito mais que sua filha caçula, era sua colega de estudos, aluna dileta, revisora de seus textos, confidente dos embates e divergências entre os grupos de discípulos, colaboradora da pesquisa clínica, sua ex-analisanda e sua fé no seguimento dos ideais da psicanálise. Era também a herdeira confiável e fiel de seus ensinamentos e, nos últimos anos, a dedicada enfermeira que o acompanhara nas trinta e três cirurgias no orofaringe e na limpeza de sua prótese no maxilar direito. Anna era, sem dúvida, o seu amor mais caro e o amparo indispensável ao velho pai, vivendo seus últimos dias.

"Ela é a minha Cordélia e também a minha Antígona", brincava Freud, falando aos amigos, identificando-se aos pais possessivos: Rei Lear, de Shakespeare, e Édipo, de Sófocles. Acompanhara sua infância, velara seus sonhos, até publicando alguns, para ilustrar a realização do desejo nas crianças, como aquele em que a menina, aos dezenove meses, passara o dia de dieta, por apresentar vômitos e, durante o sono, murmurava: "Anna Freud, morangos, flan e mingau". No verão, passeios pelos maravilhosos Alpes austríacos, brincadeiras, nas férias, na majestosa casa em Bellevue,

na colina aprazível onde o mestre sonhara o famoso “Sonho de injeção em Irma”, até hoje exemplo de construção onírica de variados conteúdos, estudados em todos os detalhes pelo próprio sonhante. Na adolescência de Anna, explicara-lhe sua ousada teoria da sexualidade infantil, origem de tantas discórdias no meio médico, motivo de sua exclusão dos convites para conferências e dez anos de “esplêndido isolamento”, como costumava definir esse período.

Alguns dias antes, bateram à porta, e Martha, zelosa mãe da família, abriu, deparando-se com soldados nazistas que, sem cerimônia, entraram e passaram a revistar a casa. Essas “visitas” tornaram-se frequentes após a invasão, e os judeus eram saqueados e agredidos nas ruas de Viena. Temendo pelo pai, enfermo e debilitado, Anna abriu o cofre e retirou dele seis mil xelins austríacos, entregando-os para que fossem embora. Imediatamente repartiram o dinheiro e retiraram-se. A cena foi acompanhada por Ernest Jones, biógrafo de Freud, que viajara apressadamente da Inglaterra tão logo soubera da ocupação da cidade, temendo pela vida do mestre e organizando a sua retirada da Áustria. Freud negava-se a emigrar, recusando as ofertas de asilo. Temia viajar devido à idade avançada e à dificuldade de locomoção, além de considerar uma covardia, como a condição do comandante que abandona o barco que está naufragando. Naquela tarde, porém, quando voltaram para buscar Anna e a levaram para depor, Freud começou a admitir que, se ela voltasse viva, deveria concordar, para salvar a família. Sua angústia era maior da que sentira antes, frente aos muitos infortúnios, às dissidências, perdas, mortes, doenças e cirurgias. O que poderiam fazer com Anna? Que perguntas exigiriam de alguém sem nenhum envolvimento político, sem nenhum cargo público, unicamente voltada ao estudo e ao trabalho com crianças? Soube-se, então, que os nazistas estavam convencidos de que a Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Freud em 1911, era um movimento político antifascista.

As horas passavam sem notícias, e a apreensão era visível em todos os olhares. Freud já fumara tantos charutos que a sala enfumaçada escurecia o ar, impregnando o ambiente. Maria Bonaparte viajara à Viena para interceder junto ao comando nazista para que não prendessem o Professor, valendo-se de sua imunidade diplomática como princesa da Grécia. Planejava ela, como já o fizera com as cartas a Fliess, contrabandear as estatuetas gregas da coleção que Freud tanto amava, principalmente a

da deusa Atena, que simbolizava a sabedoria e a coragem moral. Apesar de seus apelos, os alemães haviam colocado Freud na lista dos judeus comuns, ocuparam sua editora, dirigida pelo filho Martin, apropriaram-se da caderneta de poupança, todos os seus recursos foram bloqueados e exigiam que pagasse uma suposta dívida da sua própria editora, somando expressivo valor que ele não poderia pagar, já que não havia como resgatar o seu dinheiro.

Na sede da Gestapo, Anna respondia, com toda a calma, às perguntas que levantavam suspeitas, procurando explicar o trabalho científico do pai, suas pesquisas da alma humana para aqueles que não tinham a mínima noção do que se tratava, bem como da formação do movimento psicanalítico internacional, que congregava pessoas unicamente com o fim do estudo e do aprimoramento do trabalho clínico na área dos fenômenos psíquicos, sem nenhum objetivo de cunho político-partidário ou antifascista. Cita o fato de que Freud até havia autografado um livro para Mussolini da obra “Por que a Guerra?”, escrito em parceria com Einstein. Ao final do dia, serena como saíra, Anna retorna sua a casa, escoltada por quatro SS fortemente armados, num carro aberto. Alívio geral! Soube-se, então, que Max Schur, médico pessoal de Freud, dera a ela uma cápsula de veneno com o qual ela poderia matar-se, caso fosse torturada. Resolução unânime: deveriam deixar a Áustria o quanto antes.

No dia 28 de março, chegou a notícia de que Jones conseguira, junto ao governo britânico, asilo a toda a família Freud e a todos os amigos do círculo vienense – no total, dezoito adultos e seis crianças. Maria Bonaparte pagara todas “as dívidas”, entregando vultuosa quantia aos nazistas, que autorizaram a saída e escoltaram o grupo até a fronteira, sob a condição de que Freud declarasse não ter sofrido nenhum constrangimento ou maltrato. Irônico, ele escreveu no livro que lhe foi indicado: “Declaro que fui muito bem tratado pelas forças do comando SS – recomendo-as a todos! Sigmund Freud”.



Referências

EDMUNDSON, M. **A morte de Freud, o legado de seus últimos anos**. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2009.

JONES, E. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

SCHUR, M. **Freud, vida e agonia** – uma biografia. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Laura Ward da Rosa
Rua Dona Laura, 207/402
90430-091 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: lauraros@terra.com.br